

A Cidade

19/5/1984

ACÔRDO DE GUARIBA ENTRE USINEIROS E CORTADORES DE CANA SERÁ APLICADO EM TODO O ESTADO DE SÃO PAULO

O acôrdo de Guariba, entre usineiros e trabalhadores rurais — cortadores de cana — se estenderá para todo o Estado de São Paulo. Essa foi a decisão tomada ontem, em Sertãozinho, numa reunião entre representantes dos usineiros de São Paulo e trabalhadores rurais, com a mediação do Secretário de Governo, Roberto Gusmão, e do Secretário de Relações do Trabalho, Almir Pazzianoto Pinto.

O acôrdo pôs fim a uma greve que se iniciou na manhã de ontem, em Sertãozinho. Por volta de 6h30, na saída da cidade, um dos caminhões que levava cortadores de cana para o canavial, parou e os bóias-frias desceram do veículo. Outros 60 caminhões e 15 ônibus levando outros trabalhadores de usinas da região, também foram retidos. Um grupo de trabalhadores seguiu para a Usina Santa Elisa, e impediram o trânsito na estrada. Essa greve, pacífica e sem violência, teve prosseguimento logo em seguida, no ginásio de esportes daquela cidade — o Docão. Os trabalhadores (cerca de 3.500) resolveram desencadear o movimento grevista objetivando conseguir para si, os mesmos benefícios que foram concedidos aos bóias-frias em Guariba.

REUNIÃO

A paralisação dos trabalhadores rurais, fez com que os secretários Almir Pazzianoto e Roberto Gusmão, se deslocassem de São Paulo para Sertãozinho, com o objetivo de mediar o impasse. Uma reunião foi realizada, no período da tarde, entre os grevistas e os usineiros, que assinaram uma carta de intenções, garantindo aos cortadores de cana, que as suas reivindicações seriam atendidas.

Os usineiros assinaram com os secretários de Estado, um documento, no qual não só garantem todos os benefícios do acôrdo de Guariba para os cortadores de cana de Sertãozinho, como também se comprometeram a estendido a todo o Interior do Estado de São Paulo. Após essa reunião de pouco mais de 30 minutos, os cortadores de cana reuniram-se novamente em assembléia, no Docão, e decidiram retornar ao trabalho a partir de hoje.

O DOCUMENTO

É o seguinte o acôrdo assinado pelos dirigentes sindicais patronais e empresários do setor: "Sertãozinho, 18 de maio de 1984.

SENHORES SECRETÁRIOS

Os dirigentes sindicais patronais e empresários abaixo assinados, por intermédio de Vossas Excelências, através desse documento, dão ciência ao Governo do Estado de São Paulo que, nesta data, ratificam por inteiro os termos do acôrdo coletivo de trabalho celebrado na data de ontem (dia 17) no Sindicato Rural de Jaboticabal, entre dirigentes sindicais de trabalhadores, dirigentes sindicais patronais e empresários dos setores canavieiro, açucareiro e alcooleiro, o qual passa, assim, a ter a sua abrangência em todo o Estado de São Paulo. Queremos, desta maneira, dar início a safra de 1984 atendendo as reivindicações dos trabalhadores rurais deste setor e contribuindo para que o trabalho neste período se desenvolva dentro de um clima da mais absoluta tranquilidade.

Nestes termos assinam o presente documento".

Com esse acordo, os usineiros basicamente prometeram retornar ao antigo sistema de corte de cana (5 e não 7 ruas); dar um documento aos trabalhadores, da quantidade de cana cortada ao final do corte de cada talhão; pagar 1.740 cruzeiros pela tonelada de cana cortada; dar o material de trabalho: férias; 13º salário; e indenizações ao final da safra. Com o acôrdo, os cortadores de cana do Estado, que ganhavam cerca de 90 mil cruzeiros mensais cortando 5 toneladas de cana por dia, passarão a ganhar em torno de 230 mil cruzeiros por mês. Para que este acôrdo possa ser homologado, será formalizado junto à FAESP e a FETAESP, entidades representativas das duas partes — usineiros e cortadores de cana.

ACÔRDO HISTÓRICO

As negociações entre patrões e empregados do campo acabou sendo um ato histórico no Brasil, pois, pela primeira vez, representantes das duas classes se reuniram para negociarem reivindicações salariais. Acredita-se que em decorrência do fato, o clima de tensão e medo criado em toda a região canavieira do Estado, termine, mesmo depois de ter deixado um triste saldo: um morto e dezenas de feridos.

TUMULTO EM MONTE ALTO

Em Monte Alto, na manhã de ontem, 3 mil trabalhadores decidiram paralisar as suas atividades. Durante toda a manhã, houve saques e depredações naquela cidade. O protesto dos cortadores de cana era porque as três usinas da região se negavam a negociar com os trabalhadores e a conceder os benefícios. Os grevistas então se dirigiram ao centro da cidade, onde passaram a saquear o Mercado Central, levando também revólveres e espingardas.

Com uma pessoa dando até tiros para o ato, depredaram instalações da SABESP, lojas, açougues, cinemas e outros prédios.

A violência em Monte Alto começou as 6 horas da manhã, com cerca de 150 cortadores de cana, mas recebeu adesão de apanhadores de laranja e outros trabalhadores rurais da cidade, de 35 mil habitantes. No final, quando houve choques com a polícia nas ruas centrais, por volta de meio dia, o movimento se limitava a algumas dezenas de rapazes e garotos que atiravam pedras e faziam provocações.

Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal e Guariba (que tem jurisdição sobre Monte Alto), explicou o protesto de ontem: eles viram pela televisão o movimento em Guariba e resolveram imitá-lo. Segundo ele, os cortadores de cana não sabiam que o acôrdo assinado com os usineiros de açúcar, na última quinta-feira, é extensivo aos bóias-frias de Monte Alto.

O protesto foi contornado quando o sindicato organizou uma assembléia, no Estádio Municipal, para explicar o acôrdo que, entre outros benefícios, implica em aumento médio de 40 por cento no preço da cana cortada. Cerca de 200 trabalhadores e vários curiosos participaram da assembleia e, a tarde, a calma voltou a cidade. O prefeito de Monte Alto, José Jesus Victorio Rodrigues, do PMDB, defendeu a extensão do acordo para todo o Estado para evitar novos protestos.

CALMA EM GUARIBA

Em Guariba, o fim da greve dos cortadores de cana fez o comércio abrir as portas pela primeira vez desde a manha da última terça-feira, quando houve a depredação de três prédios da SABESP e choques com a polícia, com um saldo de um morto a tiro e 28 feridos. A calma foi total; as 16 horas não havia expediente na Prefeitura e o prefeito Evandro Vitorino, do PMDB, viajava para fora da cidade com a família para passar o fim de semana, informou uma pessoa em sua casa.

As 6 horas da manhã, o movimento de caminhões de bóias-frias era intenso nas estradas que dão acesso a Guariba, ao contrário dos dias anteriores. Num caminhão que se dirigia ao canavial da Usina São Carlos, cerca de 40 cortadores de cana — que na véspera participaram da assembleia que aprovou o acôrdo com os usineiros — declararam-se satisfeitos de retornar ao trabalho com as reivindicações que conquistaram.

O presidente do Sindicato Rural de Jaboticabal, Luis Hamilton de Moura Montans — que representa os usineiros da região de Guariba — confirmou que o trabalho foi praticamente normal em todas as usinas e fazendas fornecedoras de cana. O único problema, segundo ele, foi um piquete de apanhadores de laranja de Monte Alto (cujo acôrdo ainda está em negociação) que impediu a viagem de alguns caminhões de cortadores de cana até Jaboticabal.

O presidente do Sindicato Rural afirmou, ontem, que a greve de quatro dias dos cortadores de cana de Guariba, provocou a paralisação da moagem de cana nas usinas de Santa Adélia e São Carlos (pertencentes a dois ramos distintos da família Belodi) e da Usina Bonfim, da família Corona. A única que funcionou todos os dias, devido ao estoque de cana, foi a Usina São Martinho, a maior da América do Sul, pertencente ao grupo Ometto.

Moura Montans observou, ainda, que surgiram algumas dificuldades na volta ao trabalho, por parte de alguns cortadores de cana que ontem mesmo já deixaram de levar seu equipamento de trabalho (facões, enxadas e limas). Isto porque o acôrdo assinado na véspera previa a cessão gratuita de todo o equipamento para o corte pelo empregador. As usinas, porém, conseguiram obter os equipamentos necessários e não houve incidentes, segundo ele.

Ele voltou a observar que o setor mais prejudicado com o acôrdo com os bóias-frias foi o dos pequenos fornecedores de cana, que entregam as usinas a cana, a média de Cr\$ 11 mil por tonelada, segundo o preço fixado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool. Para o presidente do sindicato, o próximo reajuste, previsto para junho, em torno de Cr\$ 15 mil, será insuficiente. Ele pediu um aumento maior — de Cr\$ 17 ou Cr\$ 18 mil.

PROTESTOS EM MONTE AZUL PAULISTA

Há 14 quilômetros de Bebedouro, dentro da principal região produtora de laranja do país, a pequena cidade de Monte Azul Paulista, 15 mil habitantes, viveu, ontem, seu dia de violência. Cerca de 300 bóias-frias tentaram montar piquetes na estrada para bloquear caminhões das usinas e, a tarde, depois de muita tensão, agrediram a polícia a pedradas. Os soldados da PM dispersaram os grupos a golpes de cassetetes e, na confusão, até o prefeito, Almiro Pereira Borges (PMDB) foi atingido.

A greve dos colhedores de laranja em Monte Azul Paulista foi decidida anteontem a noite, sem a realização de qualquer assembléia ou a presença do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bebedouro, ao qual são subordinados. O movimento nasceu em pequenas rodas. As 6 horas da manhã, cerca de 80 bóias-frias (dos 2 mil 500 no município) — concentraram-se no trevo de acesso da cidade, na Rodovia Armando Salles de Oliveira). Eles tentaram parar os caminhões, mas foram contidos, sem violência, por policiais militares.

A tensão cresceu. As 13 horas, um grupo de 100 pessoas, a maioria crianças, saiu em passeata pelas ruas de Monte Azul Paulista, seguida de perto por uma viatura da PM. As lojas e bares do comércio já haviam fechado desde a manhã. A intenção dos grevistas, com a passeata, era conseguir o apoio dos pedreiros e pintores da cidade: se sair o preço de Cr\$ 200 por caixa de laranja, eles vão ser colhedores também. Então, eles tem que entrar agora na nossa greve, explicou um dos manifestantes.

Os comerciantes que mantinham as portas abertas até a metade, eram advertidos em tom de brincadeira: seu Zé, fecha a porta senão a gente volta para quebrar. Os comerciantes acenavam, sorrindo, em resposta.

Enquanto a passeata seguia, cerca de 50 bóias-frias, tentaram levantar uma barreira com bambus e galhos de árvores na entrada. Uma tentativa de depredação de dois caminhões foi contida pela PM sem violência. A pista foi isolada. Os manifestantes tentaram também parar um outro caminhão, que transportava trabalhadores para um pomar próximo. Novamente a polícia evitou o conflito.

Depois que o colhedor de laranjas Sebastião Carlos da Silva — que comandou as manifestações dos bóias-frias desde a manhã — comunicou a PM que perdi as rédeas, tem gente que quer ir para o trevo quebrar caminhão, tiveram início as primeiras escaramuças entre policiais e bóias-frias. Entrincheirados em pomares próximos ao trevo da cidade cerca de 200 trabalhadores, começaram a atirar pedras e laranjas contra a polícia.

As 17 horas, o prefeito Almiro Pereira Borges, foi até o local, para comunicar o adiamento da reunião entre os industriais e os sindicatos, marcada para São Paulo. Algumas pessoas se aproximaram para ouvi-lo, mas outros continuaram a agredir os PMs, que reagiram a golpes de cassetetes e atingiram até o prefeito, mulheres e crianças no meio da confusão.

— A decisão para o problema não pode demorar mais. Não vou conseguir segurar a situação por mais tempo — desabafou o prefeito, enquanto a polícia militar perseguia os bóias-frias até o centro da cidade, onde eles se dispersaram.

MANIFESTAÇÕES EM OUTRAS CIDADES

Em Piranji, a 37 quilômetros de Bebedouro, na noite de anteontem, 250 bóias-frias depredaram um engenho, mas os policiais militares conseguiram contornar a situação. Na cidade, ontem, não se registraram mais incidentes.

Em Barrinha, cidade próxima a Jaboticabal, cerca de 4 mil cortadores de cana, se aglomeraram nos pontos de saída dos caminhões para os canaviais. Diante da promessa dos usineiros, de extensão dos benefícios conseguidos pelo acôrdo firmado em Jaboticabal para a região, trabalharam normalmente ontem.

Os 1 mil 500 trabalhadores de laranja de Taquaritinga (a 320 quilômetros da capital) entraram em greve e fizeram uma manifestação pacífica na praça central da cidade. O prefeito, o vice-prefeito e os vereadores do município pediram calma aos bóias-frias, e os convenceram a esperar pelo resultado das negociações entre os fabricantes de suco, citricultores e trabalhadores que se realizavam em São Paulo. As 10 horas, depois de formarem uma comissão para levar suas reivindicações ao setor patronal, os manifestantes se dispersaram. Os 40 homens da polícia militar da cidade receberam reforço de mais 40. Durante o restante do dia, o policiamento foi discreto. Não houve outros incidentes em Taquaritinga.

DISTRIBUIÇÃO DE AUMENTOS EM BEBEDOURO

A distribuição de senhas para coleta de sacolas de alimentos pelos grevistas colhedores de laranja de Bebedouro, a 400 quilômetros da capital e o maior produtor de laranjas do país — que contribuiu, durante dia, para acalmar a tensão na cidade — provocou à noite novos conflitos entre os trabalhadores rurais e a polícia militar. O incidente ocorreu entre pedradas e bombas de gás.

Um policial desentendeu-se com um dos colhedores que estava na fila, — na porta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município — e o agrediu com golpes de cassetete. Os

outros 400 que aguardavam sua vez para pegar as senhas, responderam com pedradas e garrafadas. A PM reagiu e atirou bombas de gás lacrimogênio e novos golpes de cassetete sobre os manifestantes. O conflito foi rápido e contornado pelos professores que ajudam na coleta de alimentos. As 20 horas, para impedir novos incidentes, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais iniciou a distribuição dos alimentos, que estava prevista apenas para ontem de manhã.

Durante o dia, o ambiente, na cidade, foi de calma. A polícia ajudou a fiscalizar a coleta de alimentos e a distribuição de senhas entre os trabalhadores rurais. A Prefeitura doou Cr\$ 10 milhões para a compra de quatro toneladas e meia de arroz, dois mil quilos de macarrão e 1 mil litros de óleo de soja.

A distribuição de alimentos, ontem a noite, foi comandada pelo professor Ernani Nóbrega, através da Rádio Bebedouro. Os primeiros a receber as sacolas foram os cinco mil trabalhadores sindicalizados, seguidos pelos 2 mil que tem registro em carteira e depois os outros 3 mil colhedores de laranja sem registro. O professor Ernani Nóbrega garantiu: temos alimentos para todos e para muitos mais. Não faltará sacola para ninguém.

Ontem, as duas fabricantes de sucos do município — FRUTESP e Cargil — continuaram paralisadas, devido a greve dos colhedores de laranja. A paralisação ainda não trouxe prejuízos para produtores e as indústrias, que irão apenas atrasar o início da moagem. Os produtores informaram que só terão prejuízos se o movimento dos colhedores continuar por mais uma semana, quando as laranjas começarão a cair dos pés e apodrecer.

(Primeira página)